Template

VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE NA ESCOLA PÚBLICA - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rinaldo CORRER, Giovanna Souza PICOLO, Paloma Hokama PAIXÃO

Instituto de Biociências - UNESP Rio Claro

Eixo 10 - Gênero e sexualidade na Educação

rinaldo.correr@unesp.br

Palavras-chave: Educação Integral em Sexualidade. Ensino Médio. Projeto de Extensão.

Resumo

O trabalho discute a relevância da Educação Integral em Sexualidade (EIS) em sua aplicação prática no meio escolar, promovendo equidade de gênero, respeito à diversidade e o direito à sexualidade saudável, contribuindo para a redução de desigualdades e violências. O projeto "Conversando a Gente se Entende!" exemplifica a aplicação prática da EIS por meio da parceria entre a UNESP e a rede de ensino de Rio Claro (SP). Baseado na pedagogia dialógica de Paulo Freire, as intervenções focaram no protagonismo dos estudantes de ensino médio, abordando temas ligados à gênero e sexualidade em aulas realizadas uma vez ao mês. Os resultados incluíram debates, conscientização sobre papéis de gênero, respeito às diversidades existentes e o combate a todas as formas de violência.

Palavras-chave: Educação Integral em Sexualidade. Ensino Médio. Projeto de Extensão.

1. Introdução

O projeto de extensão "Conversando a Gente se Entende!" foi idealizado para promover a Educação Integral em Sexualidade (EIS) com ênfase em Direitos Humanos, diversidade, e prevenção de violências. Desenvolvido a partir de uma parceria entre o Instituto de Biociências (IB) - UNESP Câmpus Rio Claro, e a ETEC Profº Armando Bayeux da Silva do município de Rio Claro (SP), o projeto buscou criar

espaços de diálogo, formação e reflexão para jovens, professores e profissionais da área educacional.

O presente relato de experiência compartilha os caminhos percorridos, as estratégias utilizadas e os impactos gerados dessa experiência realizada entre Março de 2024 e Dezembro de 2025, destacando a importância da EIS na transformação social e construção de políticas educacionais e cidadania dos jovens em período escolar.

O contexto de escolas públicas revela uma carência de espaços estruturados para abordar a temática de diversidade, sexualidade e Direitos Humanos. Nesse sentido, Pereira, Taquette e Pérez (2013) citam que, no meio escolar, a EIS ocorre à partir da demanda dos estudantes por meio de suas perguntas e comportamentos. É necessária uma observação atenta do professor para que tais manifestações se tornem uma possibilidade de trabalho em sala de aula. Porém, por vezes, o despreparo e desconhecimento, juntamente com as outras demandas de trabalho podem levar o professor a desconsiderar a EIS como parte de seu planejamento e ações docentes.

Assim, o projeto "Conversando a Gente se Entende!" nasceu com o intuito de ocupar a lacuna supracitada, bem como oferecer ferramentas aos profissionais da escola no trato das manifestações dos alunos por meio da EIS, promovendo uma educação emancipadora, respeitosa e inclusiva. O projeto tem como objetivo central promover a EIS por meio de um espaço seguro para o diálogo e o aprendizado crítico; criando oportunidades para que jovens discutissem questões ligadas à sexualidade, gênero, violência e discriminação, fortalecendo a consciência crítica e a autonomia pessoal.

A escolha da ETEC Profº Armando Bayeux da Silva foi estratégica levando-se em consideração o perfil dos jovens atendidos e as necessidades expressas por eles. A escola oferece o curso do Ensino Médio integrado à formação técnica nas áreas de Logística, Administração, Automação Industrial, Desenvolvimento de Sistemas e Mecatrônica, além dos cursos técnicos independentes de Eletroeletrônica, Mecânica, Enfermagem, e Contabilidade (Bayeux, 2026). Nos cursos integrados, a escola atende estudantes de 14 a 18 anos nos períodos da manhã, tarde e noite, sendo este o público alvo no trabalho da EIS, para o

> aprimoramento do educando como pessoa humana, considerando sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa, ética, democrática, inclusiva, sustentável e solidária, a escola que acolhe as juventudes deve ser um espaço que permita aos estudantes: conhecer-se e lidar melhor com seu corpo,

> seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais; [...] combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença (Brasil, 2017, p.466).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990), considera-se adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade. Neste período, ocorre a transição da infância para a idade adulta e se constitui como uma fase de transformações fisiológicas. O corpo e sua forma de se colocar e expressar no mundo, incluindo a sexualidade, revelados no espaço escolar juntamente com os tabus, dúvidas e preconceitos sociais que o atravessam.

Dessa forma, o trabalho realizado se faz relevante por alguns pontos. O primeiro, em nível local, ligado à parceria entre a escola e a universidade, garantindo uma ponte de trocas e transformações entre a prática e a pesquisa e suprindo as lacunas observadas na escola. O segundo, em uma escala maior, a enfrentamento das desigualdades, formas de violência e preconceitos existentes uma vez que a EIS possui um caráter educativo e contínuo sobre o exercício saudável e responsável da sexualidade por parte de crianças e jovens, sendo este um direito pertencente a eles. A EIS também é pautada na equidade de gênero, respeito às diversidades e no conhecimento de informações e conceitos corretos e atualizados sobre a sexualidade, para que se possa viver de maneira ética e digna (Unesco, 2018).

2. Fundamentação teórica

Às sexualidades se constitui como parte inerente ao sujeito e está inserida em seu processo de transformação durante a juventude. As informações, valores, manifestações e atitudes, relacionadas à sexualidade de um sujeito, são os elementos que devem ser considerados para que se estruture a sua Educação em Sexualidade. Essa modalidade de educação, exercida desde a primeira infância, primeiramente pela família e, posteriormente, por outros grupos sociais, possui um caráter não intencional e será a via pela qual o sujeito conceberá seus valores sexuais e morais (Maia, Ribeiro, 2011). Já a Educação em Sexualidade, com intencionalidade, baseia-se, segundo Werebe (1998), em intervenções precisas, sistematizadas, regulares e planejadas sobre temáticas relacionadas à sexualidade humana, podendo ocorrer dentro e fora do espaço escolar e abrangendo crianças, jovens e adultos. Assim, a EIS passa a ser um norteador durante este período de formação de maneira mais segura e formativa. Adota-se, para o presente trabalho, a expressão “Educação integral em

Sexualidade", em consonância com o documento Orientações Técnicas Internacionais de Educação em Sexualidade publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO em 2018. De acordo com o documento,

> A EIS é um processo de ensino e aprendizagem com base em um currículo sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Tem por objetivo transmitir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores a crianças, adolescentes e jovens de forma a fornecer-lhes autonomia para: garantir a própria saúde, bem-estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais de respeito; considerar como suas escolhas afetam o bem-estar próprio e o de outras pessoas; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo de toda a vida (Unesco, 2018, p. 16).

O documento também caracteriza a EIS como cientificamente fundamentada, gradativa, apropriada para a idade e para o estágio de desenvolvimento, baseada em um currículo, integral, baseada em Direitos Humanos, baseada em igualdade de gênero, culturalmente relevante e adequada ao contexto, transformadora e capaz de desenvolver as habilidades para a vida necessárias para apoiar escolhas saudáveis. Además, rompendo com os contornos das abordagens mais tradicionais, a EIS vai além da educação sobre reprodução, riscos e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), buscando a temática de sexualidade a partir do aspecto sociocultural da sexualidade, passando pelo aspecto psicológico e então culminando nos fisiológicos; sem deixar de lado as experiências prévias e concepções dos jovens (Werebe, 1998).

Segundo Werebe (1998) as necessidade dos jovens devem ser o ponto principal da EIS, sendo as dúvidas e expectativas deles o ponto inicial e final das ações educativas. Possibilidades de compreensão das diferentes dimensões e significados da sexualidade deve ser oferecido pela EIS, pensando na incorporação destas de maneira positiva na personalidade dos sujeitos.

Destaca-se também que atribuir as ações da EIS aos professores de Ciências e Biologia é precipitado, uma vez que as Ciências Humanas também são necessárias para o estudo da temática da sexualidade em suas dimensões socioculturais. Além disso, nem todos os professores possuem conhecimentos ou se sentem preparados e confortáveis para lidar com a temática em sala de aula.

Considera-se fundamental e necessário o preparo dos professores na sua formação acadêmica, e não somente em projetos de formação continuada, assegurando que saiam de seus cursos com um preparo mínimo para a abordagem da EIS (Silva e Neto, 2006). Assim, a formação continuada de professores na área de sexualidade passa a ser imperativa.

3. Procedimentos metodológicos

A metodologia do projeto foi baseada na pedagogia dialógica e na educação popular, inspirada nos princípios de Paulo Freire (1987). Partindo da realidade e das demandas expressas pelos participantes, as atividades foram desenhadas para promover o protagonismo juvenil, a escuta ativa e o respeito à diversidade. As intervenções foram pensadas e estruturadas de maneira a fomentar a participação dos alunos e criação de espaços para que expressassem suas demandas. Nesse sentido, Quirino e Rocha (2013) sinalizam a importância do exercício da escuta como estratégia para o exercício da EIS.

> Vislumbramos, assim, que as estratégias de ensino baseadas na transmissão do saber, que privilegia a audição em detrimento da fala do/a estudante, e aquelas fundamentadas no experimento e na observação, de modo particular dentro do ensino de Ciências, têm se mostrado falhas ao tratarem do problema epistemológico do empirismo, da cultura, do entendimento generalizado, e de como as experiências particulares são influenciadas em decorrências de diferenças individuais. Portanto, consideramos que a integração dos componentes curriculares deve permitir que o mesmo objeto seja conhecido sob várias perspectivas, sem, contudo, anular a subjetividade das pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem (Quirino e Rocha, 2013, p.693).

Foi possível realizar um contato rápido e direto com a gestão escolar. Realizou-se um encontro presencial com a gestão da escola para apresentar detalhadamente os objetivos e meios do projeto. O primeiro semestre de 2024 marcou o início do “Conversando a Gente se Entende!”, por meio de intervenções uma vez ao mês nas aulas cedidas pela professora da disciplina de educação física na turma do primeiro ano do curso de Logística do período noturno.

Para além da intervenção na escola, a preparação dos extensionistas também foi considerada. Para isso, o grupo responsável pelas intervenções se reuniu semanalmente tanto para o planejamento das intervenções, discussão de textos sugeridos, elaboração de materiais, quanto para as discussões, reflexões e avaliação das atividades realizadas.

Para avaliar o impacto das intervenções, foram utilizados instrumentos qualitativos, como observação participante, registros em relatórios, e rodas de conversa nos encontros do grupo subsequentes às intervenções. Esses procedimentos permitiram identificar o nível de engajamento dos alunos, o interesse pelos temas e as principais dúvidas levantadas, oferecendo subsídios para aprimorar o

planejamento das intervenções seguintes, bem como contribuir na formação dos extensionistas.

No início de 2025, o grupo, juntamente com o coordenador do projeto, realizou uma reunião com a gestão a fim de afirmar a continuação do compromisso e da parceria entre as duas instituições. Ao longo do ano, foram realizados oito encontros na escola, sendo os dois primeiros com uma turma do segundo ano do curso de Logística do período noturno, dando continuidade no trabalho realizado desde março de 2024. Já os cinco encontros seguintes, ao longo de 2025, foram realizados com a turma do primeiro ano de Administração do período vespertino, iniciando assim, um segundo trabalho longitudinal com os alunos, pretendendo acompanhá-los durante sua permanência na escola até o seu terceiro ano. Por fim, o último encontro foi realizado no final do ano a partir de uma solicitação da professora de educação física, com a turma de terceiro ano do curso de Mecatrônica do período vespertino; na qual seus alunos, em sua maioria meninos, demandavam uma intervenção sobre métodos de prevenção e contracepção.

Destaca-se aqui a parceria estabelecida entre a escola e a universidade que possibilitou a realização do projeto durante todo o ano letivo de 2024 e 2025. A abertura para diálogo e confiança estabelecidos, permitiu que o trabalho fosse realizado sem restrições e complicações, bem como sobrepujar com tranquilidades os desafios e pormenores que ocorreram ao longo do tempo.

4. Resultados e discussões

4.1 Turma do segundo ano do curso de Logística do período noturno

Com a intenção de fazer um trabalho longitudinal com esta turma, o grupo de extensão começou as intervenções no ano de 2024, quando os alunos pertenciam ao primeiro ano. As intervenções ocorreram na aula de educação física com duração de 50 minutos. A temática das intervenções ao longo do ano foram: a) Papéis de gênero; b) Existe idade para se relacionar?; c) O que são ISTs; d) Métodos de prevenção.

No ano de 2025, já como segundo ano, as intervenções foram planejadas para ter as seguintes temáticas para o primeiro semestre: a) Existe um corpo perfeito/ideal?; b) Identidade de gênero; c) Orientação sexual; d) LGBTQIA+fobia. Estas duas últimas foram planejadas a partir da demanda dos alunos, como uma maneira de sanar dúvidas e como uma continuidade do tema de identidade de gênero,

exercitando a reflexão sobre papel das identidades de gêneros dentro de uma sociedade cisheteronormativa e o combate ao preconceito.

O tema “Existe um corpo perfeito/ideal?” foi pensado para ser executado após a grande visibilidade das Olimpíadas de Paris 2024, no intuito de refletir sobre a diversidade de corpos existentes e como são considerados atléticos ou não, a depender do padrão de beleza estabelecido para a época e sociedade em questão. Também foi pontuado a mudança dos padrões de beleza, estética e corpo conforme a passagem do tempo e como estão relacionados com o período histórico, social e cultural.

O tema “Identidade de gênero” foi iniciado com explicações de termos como “sexo biológico”, “orientação sexual”, “expressão de gênero” e “identidade de gênero”, esta última retomando conceitos da primeira intervenção sobre “papéis de gênero”. Em seguida, foram selecionados alguns adjetivos considerados estereótipos de mulheres e de homens (agressividade, coragem, cuidado, delicadeza, emocional, força, fragilidade, liderança, racionalidade, vaidade), assim, os alunos tinham de discutir se os adjetivos eram características femininas ou masculinas. Após a discussão, foi realizada uma dinâmica de crachás, distrbuídos aleatoriamente para os alunos participantes, com símbolos dos gêneros feminino, masculino e intersexo. O espaço da sala foi dividido para que um lado representasse o gênero feminino e o outro, o masculino, para que então, os alunos se locomovessem entre esses espaços a partir dos pedidos propostos. Primeiramente, os alunos precisavam ir até o lado designado pelos crachás, mesmo aqueles com símbolo de intersexo deveriam escolher um dos lados para permanecer, representando a binariedade tradicional imposta socialmente. Em seguida, foi pedido para que os participantes escolhessem o lado pelo qual eles se identificassem, como sujeitos, independente do símbolo do crachá. A partir dessa disposição, foi possível refletir de maneira mais aprofundada sobre os papéis de gênero, através da estereotipação de características e como podem afetar no próprio comportamento do sujeito, além de discutir sobre a opressão e omissão de identidades de gêneros que não se encaixam no padrão binário da sociedade em que vivemos.

Para continuar na mesma temática, os temas de “Orientação Sexual” e “LGBTQ+fobia” (sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, Queer, + abrange as demais pluralidades de orientações sexuais e variações de gênero), foram planejadas com o objetivo de complementar a reflexão feita no encontro anterior, discutindo relacionamentos e vivências de pessoas com orientações fora do padrão cisheteronormativo, buscando criar empatia e sanar as dúvidas dos alunos como forma de combate ao preconceito, principalmente aquele gerado pela desinformação,

e a violência de gênero. Porém, não foi possível executá-los no primeiro semestre devido às programações da escola que entraram em conflito com as datas das intervenções. Os resultados dessas intervenções foram satisfatórios, observados a partir do engajamento nas atividades, dinâmicas e reflexões propostas, registrados em manifestações verbais ao longo do processos, demarcadas por posicionamentos críticos frente às diversas temáticas e com sugestões, comentários e opiniões relacionadas às próprias vivências e ao acontecimentos no cotidiano da escola e da sociedade.

4.2 Turma do primeiro ano de Administração do período vespertino

Após o primeiro semestre e a descontinuação com a turma de Logística, foi feita uma reunião de encerramento com a gestão escolar, mostrando fotos e dados coletados durante as intervenções. O grupo de extensão e a escola demonstraram interesse em continuar a parceria. Dessa maneira, a turma do primeiro ano de Administração do período vespertino foi sugerida pela gestão da escola como um espaço para dar continuidade ao projeto, ocupando os horários das aulas de Artes que estavam sem professor até o momento.

Para iniciar novamente o trabalho longitudinal, o grupo extensionista optou por desenvolver algumas oficinas já aplicadas na outra turma, porém mudando alguns aspectos e abordagens, a partir do novo perfil da sala. O primeiro encontro foi com o tema “Papéis de gênero”. Nesta intervenção, foram distribuídos alguns crachás para as meninas com tarefas domésticas escritas, como: lavar a louça, arrumar a cama, cuidar das crianças, lavar banheiro, entre outros. Esses crachás deveriam ser colocados pelas meninas nos meninos da turma, nos quais, elas acreditavam que executavam as tarefas descritas. Os meninos, os quais foram atribuídas as tarefas, foram chamados à frente da sala para relatarem se: realmente executavam aquelas tarefas; faziam por conta própria; necessitavam de ordem para fazê-las ou ainda; se eram apenas as figuras femininas da casa que faziam as tarefas domésticas. Após uma breve discussão, a dinâmica foi invertida, os meninos obtiveram os crachás com tarefas consideradas masculinas, como trocar chuveiro, fazer churrasco, arrumar o carro, entre outros, para serem distribuídos para as meninas que eles acreditavam que executavam essas tarefas. Como resultado, a discussão emergente desta dinâmica grupal girou em torno do papel da mulher dentro de casa e fora dela, e como as tarefas comumente atribuídas à elas são consideradas essenciais para o funcionamento de uma instituição familiar, mas que em sua maioria, não são executadas por figuras masculinas. Já as tarefas tipicamente masculinas, partindo das

reflexões, dificilmente seriam realizadas apenas por homens. Também foram acrescidas, na discussão, questões acerca da discriminação de gênero, machismo e violência contra a mulher.

Como ponto de discussão, é possível inferir que a abordagem Integral da sexualidade no Ensino Médio não pode ser dissociada da análise das relações de poder que estruturam a sociedade. Scott (1990) afirma que o gênero deve ser compreendido como uma categoria de análise que revela como as diferenças percebidas entre os sexos significam relações de poder, as quais, no contexto brasileiro, são atravessadas pelo que Saffioti (2015) conceitua como a simbiose entre o patriarcado e a violência.

No ambiente escolar, como a intervenção evidenciou entre os participantes, essa dinâmica que se reproduz tanto na sociedade, quanto na escola, se traduz em práticas de discriminação e machismo que, muitas vezes, são naturalizadas pelo currículo oculto. Dessa forma, a extensão na sua essência, contribui para que essas contradições possam ser percebidas e se tornem objeto de reflexão. Como aponta Louro (2019), a educação em sexualidade deve, portanto, questionar os processos de normalização de identidades, combatendo a violência de gênero por meio de uma pedagogia que reconheça a escola como um espaço de resistência e de desconstrução de binarismos hierárquicos.

No segundo encontro, a escola recebeu duas convidadas internacionais da Universidade de Havana, Profa. Dra. Ana Martin e a Profa. Dra. Juliette Gómez, que vieram ao Brasil a convite do Instituto de Biociências - UNESP Campus Rio Claro. A intervenção foi iniciada com uma roda com todos os participantes, alunos e extensionistas com diversas perguntas cotidianas, como gostos musicais e uso das redes sociais. As professoras fizeram uma breve apresentação da sua atuação em Cuba, de educação popular e educação sexual para jovens em conflito com a lei e/ou em situação de vulnerabilidade social. A partir de seus relatos, os alunos foram incentivados a fazerem perguntas e trocarem vivências sobre os projetos, no Brasil e em Cuba, referentes a questões dos cotidianos escolares, especificamente acerca da EIS. O resultado desta interação foi intenso e abriu interesses frente às semelhanças e diferenças nos dois países. Destacou-se as campanhas de prevenção, no contexto das ISTs, gravidez não planejada, dificuldade de acesso ao uso de métodos contraceptivos, preservativo, além de questões atuais de gênero.

O tema do terceiro encontro foi “Existe um corpo perfeito/ideal?”, com a mesma proposta da turma anterior, demonstrar a grande diversidade de corpos existentes através de atletas olímpicos medalhistas. Iniciou-se com o uso de recurso visual (data show), no qual foi exibido o tema do encontro e as perguntas utilizadas para o

aquecimento inespecífico para “quebrar o gelo”. Em seguida, os alunos foram solicitados a usar papéis sulfite para representar em desenho um corpo saudável, utilizando os materiais oferecidos (tintas, canetas, pincéis, lápis, borracha e marcadores). Os estudantes, então, avaliaram os outros desenhos dos colegas, a fim de ter uma discussão sobre as diferenças e semelhanças entre as representações. Depois de uma reflexão, foi solicitado que os jovens transformassem esses corpos desenhados em corpos que consideravam atléticos. As mudanças apresentadas pelos educandos foram: desenhos de abdômen e peitoral definidos, espessamento de bíceps, tríceps e panturrilhas, além de alguns desenhos apresentarem adereços esportivos como toucas de natação e roupas características de práticas esportivas. Após a realização da atividade, foram expostos, através dos slides, diferentes corpos de atletas olímpicos, sem identificação, para que os alunos avaliassem e classificassem em corpos saudáveis/atléticos/não saudáveis. Em sequência, foram revelados as identidades dos corpos e confrontado as avaliações iniciais. Assim, os corpos que foram considerados não saudáveis, eram de atletas de alta performance, incluindo medalhistas olímpicos. Foi gerado discussões e argumentações sobre o assunto e sobre a padronização de corpos. Para esta turma, também foram adicionados atletas paralímpicos, com o objetivo de discutir sobre os desafios da acessibilidade e das pessoas com deficiência. Além disso, foi delineada a mudança de padrões de corpos e de beleza historicamente, pontuando sobre o uso moderado e cuidadoso com as redes sociais e comparação de “corpos da moda”, principalmente relacionado a fotos de influenciadores e de figuras públicas. Ao final, foi solicitado que os estudantes interferissem pela última vez nos corpos desenhados a partir da discussão feita, com desenhos de corpos reais. Notou-se que os desenhos geraram um bom engajamento na aula. A quarta intervenção e última do semestre, não ocorreu devido a questões de conflito entre o calendário escolar de provas e as agendas de disponibilidade do grupo extensionista.

Os resultados observados foram satisfatórios, indicando que o espaço ocupado pelo projeto de intervenção em EIS, desencadeou muitos debates sobre temáticas que representam lacunas no conjunto das atividades da escola. O processo de desenvolvimento dos objetivos, por meio das atividades realizadas, foi bem avaliado, tanto pelos gestão e professores, quanto pelos alunos envolvidos. Não foram observados questionamentos ou divergências por parte das famílias e da comunidade em relação ao trabalho desenvolvido. Quanto aos alunos, a maioria se mostrou interessada e participativa nos assuntos abordados, tanto nas dinâmicas propostas quanto nas perguntas e reflexões que eram atribuídas a eles, além de sugestões por parte deles de temas e conversas que tangenciam assuntos sobre a sexualidade.

Observou-se a participação intensa da turma como um todo, não ocorrendo disparidades entre os gêneros.

A gestão escolar se mostrou sempre muito solícita e engajada para que o grupo pudesse executar as intervenções da melhor maneira possível. Também se manteve disponível para uma comunicação clara e eficiente, seja com reuniões para início ou finalização de ciclos, bem como para apresentação de outros projetos de iniciação científica e mestrado dos extensionistas.

5. Conclusões

A experiência do projeto de extensão *"Conversando a Gente se Entende!"* evidenciou a Educação Integral em Sexualidade (EIS) como estratégia de trabalho no contexto escolar. A partir de uma abordagem dialógica baseada na pedagogia freireana, foi possível criar espaços de escuta, reflexão e participação ativa dos estudantes, favorecendo discussões críticas sobre gênero, sexualidade, diversidades e direitos humanos. Ao longo das intervenções realizadas entre 2024 e 2025, observou-se que a construção de ambientes seguros para o diálogo e compartilhamento de experiências e problematização de concepções impostas e naturalizadas sobre papéis de gênero, padrões corporais e relações afetivo-sexuais.

A parceria entre universidade e escola pública mostrou-se um elemento central para o sucesso do projeto, favorecendo a circulação de saberes entre a produção acadêmica e a prática educativa, bem como ampliando as possibilidades de formação para os extensionistas envolvidos.

Considerando os resultados obtidos, vislumbram-se as possibilidades de continuidade e ampliação do projeto para o ano de 2026. A consolidação do trabalho longitudinal com novas turmas e a incorporação progressiva da temática no cotidiano pedagógico da escola podem fortalecer os impactos da EIS no processo formativo dos alunos. Além disso, iniciativas semelhantes podem ser replicadas em outras instituições de ensino, especialmente por meio de projetos de extensão universitária que buscam articular a pesquisa, a formação universitária e a prática educativa. A formação continuada de professores na EIS e a inclusão da mesma nos currículos de formação superior pode contribuir na garantia na sustentabilidade de ações semelhantes.

6. Principais referências

BAYEUX, Etc. *Cursos Gratuitos e de Qualidade*. Etecbayeux, 2026. Disponível em:https://www.etecbayeux.com.br/?p=cursos. Acesso em 26 fev. 2026.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular:* Ciências da Natureza Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf Acesso em 10 fev. 2026.

BRASIL. *Lei 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em 10 fev 2026.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MAIA, A.C.B.; RIBEIRO, P.R.M. Educação Sexual: princípios para ação. *DOXA*: Revista Paulista de Psicologia e Educação, vol. 15, n. 1, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/download/37798854/Texto_Educacao_Sexual_Principios_para_Acao.pdf. Acesso em: 17 de fev. de 2026.

PEREIRA, S. M., TAQUETTE, S. R., PÉREZ, M. A. Consulta ginecológica sob a ótica de estudantes do ensino médio do Rio de Janeiro, RJ. *Rev Saúde Pública*, v. 47, n. , p. 2-10, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-89102013000100002 . Acesso em 12 jan. 2026.

QUIRINO, G. S., ROCHA, J. B. T. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. *Ciência Educação*: v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1516-73132013000300011. Acesso em 12 fev 2026.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero patriarcado violência.* 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação. Perseu Abramo, 2015

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v. 15, n.2, p. 5-22, 1990. Disponível em: https://www.clam.org.br/uploads/publicacoes/Genero%20-%20Joan%20Scott%5B1%5D.pdf. Acesso em 25 fev. 2026.

SILVA, R. C. P. e NETO, J. M. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência E Educação, 12*(2), 185-197, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/Q8zr68srZbtJGBkZG7dkVXg/abstract/?lang=pt Acesso em 1 mar. 2026.

UNESCO. Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade*: uma abordagem baseada em evidências. 2. ed. Revisada, 2018. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308. Acesso em: 23 fev. de 2026.

Werebe, M. J. G. . *Sexualidade, Política, Educação.* Campinas, SP: Autores Associados, 1998.